

CIES e-Working Paper N.º 106/2011

**Mulheres brasileiras em Portugal e imaginários sociais:
uma revisão crítica da literatura**

MARIANA SELISTER GOMES

CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL, cies@iscte.pt

Mariana Selister Gomes é licenciada em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Brasil); licenciada em História e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil); e doutoranda em Sociologia no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), com bolsa de estudos da Capes/MEC/Brasil, acolhida no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL). Principais domínios de investigação: relações de género; racismo; imigrações; identidades; turismo.

E-mails: mariana_gomes@iscte.pt; marianaselister@gmail.com

Resumo

No presente *working paper* busca-se apresentar o estado da arte da investigação sobre imigração brasileira em Portugal, com especial atenção às investigações com enfoque de género. A fim rastrear esta bibliografia, recorreu-se a livros, artigos, atas de eventos, dissertações de mestrado e doutoramento. Estes trabalhos apontam para uma especificidade dos brasileiros em Portugal, com relação aos demais imigrantes. Esta especificidade estaria relacionada a imaginários próprios sobre os brasileiros, derivados de fatores como a língua, as relações históricas entre Brasil e Portugal e o papel da mídia. Muitas investigações destacam uma especificidade maior quanto trata-se de mulheres brasileiras, as quais, além da marca de brasilidade, relacionada a uma alegria tropical e exótica, carregariam a marca do erotismo e da prostituição. Ao apresentar e discutir esta bibliografia, busca-se refletir sobre seus avanços e suas lacunas. Entre as lacunas destaca-se inexistência de investigações que abordem de forma correlacionada a construção social desses imaginários, as relações de poder que estão articuladas a esta construção e a forma como as brasileiras lidam com esses imaginários.

Palavras-chave: mulheres brasileiras, imigração brasileira, imaginários

Abstract

This working paper seeks to present the state of the art research on Brazilian immigration to Portugal, with special attention to research with a gender focus. To track this bibliography, we used the books, articles, records of events, masters and doctoral thesis. These studies point to a specificity of Brazilians in Portugal, compared to other immigrants. This specificity could be related to their own imaginings about the Brazilians, derived from factors such as language, the historical relations between Brazil and Portugal and the role of the media. Many investigations have highlighted a greater specificity when it is about Brazilian women. The women carry the mark the Brazilianness, related to an exotic tropical and joy, and also, the brand of erotica and prostitution. In presenting and discussing this bibliography, we try to reflect on their achievements and their shortcomings. Among the gaps is lack of investigations that address in a related manner: the social construction of imaginary, the power relations that are linked to this construction and how the Brazilian women deal with these imaginary.

Keywords: Brazilian women, Brazilian immigration, imaginary

Introdução

Ao realizar um levantamento das investigações sobre imigração brasileira em Portugal, com especial atenção ao recorte de gênero, percebeu-se que este objeto de investigação perpassa diferentes áreas do conhecimento. Esta revisão da literatura focou-se, principalmente, na produção científica do Brasil e de Portugal, nas áreas da Sociologia, Antropologia, Psicologia Social, História e Ciências da Comunicação.

Apesar do enfoque deste *working paper*¹ ser a bibliografia sobre as mulheres brasileiras em Portugal, optou-se por não restringir a pesquisa e construir uma perspectiva mais ampla sobre os temas de investigação que estão relacionados ao tema das mulheres brasileiras em Portugal. Desta forma, optou-se, primeiramente, por dois grandes temas de investigação: (1) brasileiros em Portugal (ampliando o recorte de gênero); e (2) mulheres brasileiras no mundo (ampliando o recorte geográfico).

Ao perceber-se que o tema dos imaginários e estereótipos perpassava toda a bibliografia, que aponta para uma especificidade dos brasileiros em Portugal, com relação aos demais imigrantes, o que estaria relacionado a imaginários específicos, buscou-se dois novos recortes. São eles: (3) imigrantes em Portugal, racismo e etnicidade (buscando conhecer as investigações mais específicas sobre estereótipos, sem restringir-se aos brasileiros); e (4) turismo e imagem da mulher brasileira (analisando bibliografia de outras áreas, para além da imigração, que também focam-se na análise dos imaginários da mulher brasileira mencionados na bibliografia sobre imigração).

Com relação à imigração brasileira em Portugal, destacam-se as investigações da Sociologia que analisam fluxos, mercados de trabalho, inserção, políticas (Malheiros, 2007) e também perpassam a relação dos brasileiros com os estereótipos (Machado, 2009). Referente ao enfoque nas mulheres brasileiras é dada maior atenção à relação destas com os estereótipos, nas análises sobre suas experiências migratórias, realizadas principalmente pela Sociologia das Migrações em interface com Teorias de Gênero e pela Antropologia (Padilla, 2007a; Fernandes, 2008; Togni, 2008; Piscitelli, 2007a).

Referente ao tema da imigração, racismo e etnicidade, percebeu-se que o foco está nas análises dos estereótipos sobre os imigrantes em Portugal. A construção dos estereótipos da mulher brasileira através da mídia tem sido estudada pelas Ciências da Comunicação (Pontes,

¹ Destaca-se que este *working paper* está escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, o qual entrou em vigor em 2009, no Brasil. Nos casos em que o acordo prevê formas de grafia brasileira e portuguesa como corretas (como na palavra “gênero” ou “género”), optou-se pela grafia brasileira.

2004; Cunha, 2005). Os estereótipos da população portuguesa com relação aos imigrantes são o foco da Psicologia Social (Vala, 1999). E os discursos históricos e os discursos atuais de reconstrução de um passado colonial têm sido abordados pela História (Castelo, 1998) e Antropologia (Almeida, 2000). Com relação ao papel do turismo na construção de imaginários sobre a mulher brasileira, têm sido realizados trabalhos na área do turismo no Brasil, com enfoque histórico, demonstrando como o *marketing* turístico brasileiro divulgou imagens de mulheres brasileiras seminuas, fomentando um imaginário de erotização e criando estereótipos (Alfonso, 2006; Bignami, 2002; Gomes, 2009a).

A seguir abordar-se-á cada um dos quatro recortes propostos como organização da pesquisa bibliográfica. Pretende-se, assim, realizar um mapeamento e análise da investigação sobre as mulheres brasileiras em Portugal. Em cada tópico destacar-se-á as lacunas e as possibilidades de avanço no conhecimento teórico, metodológico e empírico, o que será retomado em conjunto nas considerações finais.

1. Imigração brasileira em Portugal

Referente ao primeiro recorte da pesquisa bibliográfica, brasileiros em Portugal, as investigações, especialmente da Sociologia e da Antropologia das Migrações, focam-se no cotidiano, inserção e integração, políticas, estatísticas, fluxos, e mercado de trabalho, e passam também as relações dos brasileiros com os estereótipos.

Cabe destacar que, no balanço da investigação sobre imigrações em Portugal realizado por Machado e Azevedo (2009), abrangendo um período que vai de 2000 a 2008, a partir de um levantamento bibliográfico minucioso, os autores evidenciam que o tema da imigração brasileira é um dos de maior crescimento nos anos recentes. Os autores levantaram cerca de 800 trabalhos sobre migrações, em várias áreas do conhecimento científico, especialmente a Sociologia e a Antropologia. Essa grande produção, segundo eles, deve-se a quatro fatores: a diversidade cultural que a imigração gera e uma consequente curiosidade sobre quem é o “outro” (o que fez aumentar também os estudos sobre os ciganos); a questão política da gestão dos fluxos e da integração dos imigrantes; o estímulo institucional (financiamento, eventos científicos) resultante dos fatores culturais e políticos; e a intensa atenção científica dada ao tema, devido a fatores internos ao campo científico, como a necessidade de distinção que um tema novo pode dar ao pesquisador, e a tendência a posterior imitação. Os autores destacam ainda um crescimento sustentado da produção científica sobre o tema, de 2000 a 2008.

Machado e Azevedo (2009) continuam sua análise a destacar os temas e os grupos migrantes objeto da Sociologia das Migrações. Os cinco temas mais estudados são: políticas; mercado de trabalho; retratos de populações; coexistência e representações interétnicas; fluxos migratórios – os quais representam mais de metade dos títulos recenseados. O tema da educação aparece como intermediário. E os últimos quatro, dos dez mais importantes, são: descendentes de imigrantes; identidades e práticas culturais; saúde e doença; e mulheres e relações de gênero. Ao analisar o crescimento dos temas entre os anos de 2006 a 2008, com relação ao seu crescimento médio, os autores apontam que os temas mais trabalhados – políticas e mercado de trabalho – continuaram crescendo; no entanto, temas que não se situam entre os dez mais pesquisados tiveram grande crescimento nesses últimos anos, como mediatização e representações mediáticas, o que pode significar uma mudança na agenda de pesquisa.

Com relação aos grupos estudados, os autores apontam que quase metade dos trabalhos tomou como objeto de estudo imigrantes em geral, isto porque muitos temas, como o mais estudado das políticas, se referem a todos os grupos (outros temas, como mercado de trabalho, fluxos de imigrantes e racismo também são multigrupo). No polo oposto estão os trabalhos sobre identidade e práticas culturais e religiosas, que focam-se em grupos específicos. O grupo mais estudado de forma focalizada é o dos descendentes de imigrantes, seguido por ciganos, brasileiros, cabo-verdianos, imigrantes do Leste, chineses, indianos hindus, guineenses, imigrantes dos PALOP. Os autores ressaltam que há grupos que não são estudados e que há grupos estudados como homogêneos e que, de fato, não o são (como é o caso da generalização sobre os imigrantes do Leste europeu). Ao analisar as tendências de crescimento, como realizado para os temas, os autores apontam o crescimento de estudos sobre brasileiros, guineenses, imigrantes dos PALOP e cabo-verdianos, o que indica uma mudança na agenda de pesquisa.

Confirmando esta tendência de crescimento dos estudos sobre os brasileiros em Portugal, e ampliando-se para a Europa, pode-se destacar o 1.º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, o qual se realizou em novembro de 2010, na cidade de Barcelona. O seminário foi organizado pelo Coletivo Brasil-Catalunya e pela Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na Catalunha, com a colaboração da Gedime (Grup d'Estudis Immigració i Minories Etniques), do Geb (Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido), da Rede de Brasileiras e Brasileiros na Espanha, do Grupo de Multiculturalisme i Gènere (Universitat de Barcelona) e do IMDH (Instituto Migrações e Direitos Humanos), e contou com o apoio do Consulado Geral do Brasil em Barcelona e da Generalitat de Catalunya/Secretaria per la Immigració. O Comitê Científico esteve composto

por quatorze investigadores doutorados, atuantes em diferentes países europeus e no Brasil. No seminário foram apresentadas quatro contribuições do Comitê Científico e trinta e sete outras comunicações, as quais foram publicadas nas atas.² Estas pesquisas versavam sobre os brasileiros e brasileiras em Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Itália, Suíça, Alemanha e Bélgica.

Das quatro contribuições do Comitê Científico, uma versava sobre Portugal (de autoria de Beatriz Padilla), e das trinta e sete outras comunicações treze eram sobre Portugal. Do total de 41 trabalhos publicados nas atas, 34% tratam da imigração brasileira em Portugal, o que é bastante expressivo e reflete a importância, tanto social como científica, que a imigração brasileira tem adquirido no país.

Referente aos temas, as comunicações foram divididas em oito painéis temáticos, sendo eles: gênero e sexualidade; gênero e família; gênero e sociedade I; gênero e sociedade II; identidade, integração e religião; fluxos migratórios, mercado de trabalho e economia; fluxos migratórios, trabalho e educação; e integração e cultura. Destaca-se a temática de gênero que ocupou 50% dos painéis temáticos, ficando acima de temas tradicionais na área das migrações, como integração, fluxos migratórios e mercado de trabalho. No entanto, cabe destacar que a maioria dos trabalhos utiliza a categoria gênero como um recorte do objeto empírico, ou seja, o enfoque empírico está nas mulheres. Na maioria dos trabalhos não há reflexões teóricas, não são citadas referências (nem clássicas, nem contemporâneas) dos estudos de gênero, da teoria feminista, do feminismo descolonial ou da teoria *queer* (por exemplo, Scott, 1986; Pateman, 1993; González, 1988; Butler, 2008).

Os treze trabalhos sobre Portugal subdividem-se nas seguintes temáticas: sete sobre gênero; um sobre a integração; um sobre saúde; um sobre os fluxos de brasileiros para Portugal nos últimos vinte anos; um sobre associativismo; dois sobre imigração estudantil. Nota-se que mantém-se em Portugal o destaque para a temática de gênero. As temáticas dos trabalhos sobre gênero em Portugal são as seguintes: um sobre casamentos entre brasileiras e portuguesas, suíças, espanholas e italianas; um sobre a inserção das brasileiras no mercado de trabalho português; um sobre empreendedorismo imigrante atentando para as diferenças entre homens e mulheres; um sobre a forma como as brasileiras de classe social mais elevada constroem imagens do Brasil e de Portugal; um sobre a forma como as mulheres brasileiras são associadas ao tráfico de mulheres, à prostituição e aos casamentos por conveniência; dois sobre a forma como as brasileiras lidam com os estereótipos que a sociedade portuguesa tem sobre elas.

² Disponíveis em: <http://seminariobrasileuropa2010.wordpress.com/>

Destaca-se que, dos sete trabalhos com enfoque de gênero e recorte em Portugal, três deles centram-se no tema dos imaginários, estereótipos e discursos sobre as mulheres brasileiras. Além destes três, mais um trabalho do seminário, este sobre a Espanha, centra-se nos imaginários sociais construídos pela mídia sobre as mulheres brasileiras. E outro trata da presença da cultura brasileira na França, em espetáculos de animação cultural, e como isso pode reproduzir estereótipos. Ou seja, dos cinco trabalhos sobre estereótipos, quatro têm enfoque de gênero, dos quais três são sobre Portugal.

Pode-se apreender do seminário que a investigação sobre a imigração brasileira para Portugal tem um grande destaque no quadro da investigação sobre a imigração brasileira para a Europa. Isto deve-se tanto pelo grande número de imigrantes brasileiros neste país, como pela visibilidade social destes imigrantes em Portugal, o que desperta interesses de pesquisa, bem como fontes de financiamento e incentivos. Destaca-se que, segundo o Relatório de Imigração Fronteira e Asilo, do ano de 2009, feito pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), cerca de 25% da população estrangeira residente em Portugal é de nacionalidade brasileira, com 116.220 indivíduos, dos quais 52.061 homens e 64.159 mulheres.

O número maior de mulheres entre os imigrantes brasileiros em Portugal aponta para a outra conclusão possível a partir do balanço do seminário: a questão de gênero tem sido central nas investigações sobre imigração brasileira nos diversos países europeus. Conforme a contribuição de Padilla (2010: 23) no referido seminário, este fato se dá em relação ao fenômeno da feminização da imigração: a imigração era pensada por especialistas e pelas políticas migratórias como um fenômeno masculino, no entanto é cada vez maior o número de mulheres migrantes, o que tem implicações em diferentes níveis e nos próprios estudos sobre migrações, os quais são desafiados agora a não apenas focar nessas mulheres migrantes como objeto empírico, como analisar as relações de gênero e propor reflexões teóricas na mesma proporção das pesquisas empíricas.

Ainda é possível destacar do balanço do seminário que o tema dos imaginários e estereótipos é minoritário (enquanto tema central, pois aparece na maioria dos artigos, mas como um comentário ou na fala de um entrevistado, sem uma análise mais específica). No entanto dos cinco trabalhos focados no tema dos imaginários, três são sobre mulheres brasileiras em Portugal, um sobre mulheres brasileiras na Espanha e um sobre a cultura brasileira na França sem recorte de gênero. Ou seja, os imaginários estão sendo mais estudados em sua relação com o gênero e muito mais quando o contexto de análise é Portugal. O que sugerem estes trabalhos é que as mulheres brasileiras em Portugal precisam lidar com

um estereótipo de brasilidade, relacionado a alegria, a simpatia, ao corpo, o qual ganha contorno de sensualidade principalmente quando encarnado nas mulheres. O texto sobre a Espanha foca-se no papel da mídia na construção desses imaginários sobre as mulheres brasileiras e a marca da prostituição.

Com relação a investigação produzida em Portugal, destaca-se o projeto *Vagas Atlânticas: A Imigração Brasileira em Portugal*, desenvolvido entre 2007 e 2010, o qual consistiu em um significativo inquérito a população brasileira em Portugal, para a ampla caracterização dessa população, ainda inédita neste volume e com este rigor científico (o projeto envolveu três grandes centros de investigação: CIES-IUL, CES-UC, Socius/ISEG/UTL). Com relação às mulheres brasileiras, o relatório estatístico preliminar aponta que o perfil da imigrante brasileira é basicamente de jovens que trabalham em nichos específicos do mercado de trabalho, nomeadamente em atividades voltadas para o atendimento ao público (restaurantes, cafés e lojas), no setor de limpeza e auxílio a idosos e crianças. Um número significativo é proveniente dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Goiás e Espírito Santo (Peixoto *et al.*, 2010).

Já em termos de produção bibliográfica, ressalta-se o livro *Imigração Brasileira em Portugal*, organizado por Jorge Malheiros e editado pelo Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural, em 2007, o qual reúne treze autores que se dedicam a investigar os brasileiros em Portugal. Os temas deste livro são: mapeamento e descrição dos fluxos migratórios brasileiros para Portugal (origens e destinos, ciclos, motivos, padrões); o papel da imprensa brasileira na constituição de Portugal como destino imigratório para os brasileiros a partir dos anos 1980; a integração dos brasileiros no mercado de trabalho português; o impacto econômico das remessas dos imigrantes brasileiros para o Brasil; hipóteses sobre o futuro da imigração brasileira para Portugal; participação política dos imigrantes; regularização e políticas; apresentação do inquérito efetuado pela Casa do Brasil em Lisboa a uma amostra de imigrantes brasileiros em 2003, sobre a segunda vaga (1998-2003). Além dos temas citados, três outros temas/artigos deste livro são especialmente importantes na perspectiva deste *working paper* por abordarem gênero ou os estereótipos e serão discutidos mais especificamente; são eles os de autoria de Beatriz Padilla, de Igor Machado e de Sandra Silva e Aline Schiltz.

O artigo intitulado “A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise”, de Beatriz Padilla (2007a), é o único do livro a focar a mulher brasileira. Segundo a autora:

[...] cremos que o imigrante como tal não existe. Os imigrantes têm género, pertencem a uma etnia, a uma classe social e inserem-se numa sociedade de acolhimento complexa onde geralmente o mercado laboral está estratificado, étnica e sexualmente, o que condiciona a inserção laboral destes migrantes. Também, os imigrantes acedem a diferentes tipos de recursos, muitos deles através de redes sociais que podem vir a ser mais ou menos significativas segundo o sexo do imigrante, entre outros aspectos. Além do mais, os imigrantes são produtos duma sociedade na qual foram socializados e chegam também a uma sociedade onde existem papéis e expectativas em relação, não apenas ao imigrante como tal, mas também ao imigrante como homem ou mulher. Desta forma, por existirem imagens, estereótipos e expectativas, e estes variarem consoante o sexo, é óbvio que os *outcomes* possíveis das situações de imigração podem ser múltiplos. (Padilla, 2007a: 113)

A autora realiza uma análise qualitativa, através de entrevistas com mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, abordando: a história e projetos de migração; classe social; redes de apoio; legalização; género e etnicidade; e género, etnicidade e trabalho. No que se refere ao género e etnicidade, a autora destaca que os brasileiros em Portugal são vistos como brasileiros, ou seja, são categorizados de uma forma específica, em um processo que a autora define como etnicização, no qual a simpatia se torna a característica principal dos brasileiros. No entanto, a autora ressalta que:

Embora se pense que os Brasileiros em geral gostam de festa e estão sempre bem dispostos (Machado utiliza a expressão “*entertainer*”), já os homens brasileiros são considerados preguiçosos e malandros, e as mulheres calorosas, exuberantes e fáceis. Entre esta imagem da brasileira calorosa e exuberante e a da prostituta vai só um passo, sendo esta analogia reforçada pelas notícias permanentes que os *media* transmitem. Frequentemente, vemos ou ouvimos notícias sobre a quantidade de prostitutas brasileiras detidas em rusgas, mesmo que sejam ou não alvos de tráfico ilegal de pessoas, e a sociedade fica com a ideia da proeminente participação das brasileiras na prostituição nacional, o que acaba por reforçar ainda mais a relação entre estas e a indústria do sexo (Lages e Policarpo, 2003; Machado, 2003; Padilla, 2004) [...] Embora seja certo que há prostitutas brasileiras, a maioria das imigrantes não são prostitutas. As brasileiras na sua generalidade trabalham na restauração, hotelaria, atendimento em lojas e no sector doméstico (Peixoto, 2002 e capítulo 4 deste livro; Padilla, 2004; Machado, 2003). Mas, como indica Margolis (1993) no seu estudo acerca dos Brasileiros em Nova Iorque, por algum motivo a fama das Brasileiras se exacerba, tanto entre os cidadãos Brasileiros como entre os não-Brasileiros, neste caso os Portugueses. Esta fama ou “marca da prostituição” verifica-se também na Itália (Bógus e Bassanezi, 1999) e repete-se em Portugal.

A diferença, face aos outros cenários, prende-se com o facto de a presença dos Brasileiros em Portugal ser proporcionalmente maior. Ainda é importante destacar que a fama das Brasileiras não é apenas alimentada pelos órgãos de informação portugueses. Como nos advertem alguns autores (Feldman-Bianco, 2001; Machado, 1999), a produção de telenovelas brasileiras favorece e incentiva a dita imagem de mulher brasileira sensual. Inclusivamente, a exotização, imagem e estereótipo sobre a brasileira existe dentro do próprio Brasil, em relação a certas mulheres, sobretudo as mulheres negras e mulatas, pelo que a exotização se sobrepõe à racialização. Esta realidade verifica-se sobretudo, mas não só, na Baía (Padilla, 2001; Gillian e Gillian, 1999).

(Padilla, 2007a: 125)

Destaca-se nesta citação que em Nova Iorque, na Itália e mais fortemente em Portugal, “por algum motivo” os brasileiros têm uma “fama ou marca da prostituição”. No entanto, como será analisado ao decorrer deste *working paper*, a revisão da literatura sugere que poucos são os estudos para compreender esse “algum motivo”.

Os estereótipos dos brasileiros e das brasileiras destacados por Padilla (2007a) são evidenciados também por Machado (2007; 2009) e Lages e Policarpo (2003), conforme cita a própria autora.

O inquérito coordenado por Mário Lages (2006), intitulado *Os Imigrantes e a População Portuguesa: Imagens Recíprocas – Análise de Duas Sondagens*, é a fonte do segundo artigo do livro *Imigração Brasileira em Portugal* (Malheiros, 2007), que tem aqui interesse específico. Trata-se de um artigo de Sandra Silva e Aline Schiltz, o qual destaca o que se refere aos brasileiros do mencionado inquérito de Lages. O artigo intitula-se “A relação entre os imigrantes brasileiros e os Portugueses: a construção de imagens recíprocas”. Reportando-se a este artigo, destaca-se o quadro Estereótipos dos Portugueses acerca dos Brasileiros (Silva e Schiltz, 2007: 165), através do qual é possível evidenciar que as representações majoritárias sobre os brasileiros estão ligadas à alegria e à prostituição.

Estereótipos dos Portugueses acerca dos Brasileiros (%)

	Sim	Não
São alegres e bem dispostos	74,7	25,3
São simpáticos e de trato fácil	63,2	36,8
São em geral bem educados	47,2	52,8
São em geral bons profissionais	31,3	68,7
São em geral competentes e cumpridores	30,0	70,0
São em geral sérios e honestos	25,7	74,3
Têm contribuído para a violência	23,7	76,3
Têm contribuído para o tráfico de droga	33,8	66,2
Têm contribuído para a prostituição	69,6	30,4
Têm contribuído para o crime organizado	22,9	77,1

Número total de respondentes portugueses = 1539

Fonte: Lages, M. (coord.) [2006]



O terceiro artigo do livro *Imigração Brasileira em Portugal*, o qual se destaca, é de Igor Machado, intitulado “Reflexões sobre as identidades brasileiras em Portugal”. O autor evidencia os estereótipos dos brasileiros no Porto e o processo de construção identitária dos próprios brasileiros diante destes estereótipos. Segundo o autor: “Veremos que os Brasileiros acabam por submeter-se a uma representação estereotipada do Brasil e da identidade brasileira para conseguir empregos [...]. Quero demonstrar um mecanismo complexo de submissão aos estereótipos, no qual os sujeitos tiram proveito dessa sujeição às imagens essencializadas” (Machado, 2007: 171).

Machado (2007; 2009) analisa esse processo através dos conceitos de “exotização” e “jogo da centralidade”. A exotização é um fenômeno social de efetivação dos estereótipos, no qual é construído um estereótipo e é vivido cotidianamente esse estereótipo. Segundo o autor: “No cotidiano dos Brasileiros, a imagem de uma essência portuguesa, absolutamente contraposta à brasileira, define os contornos das construções identitárias. O contraste absoluto, como não poderia deixar de ser, refere-se à ‘tristeza portuguesa’, oposta à ‘alegria brasileira’”. (Machado, 2007: 176). E referente ao “jogo da centralidade”:

Chamo de jogo da centralidade às disputas entre Brasileiros, para estabelecerem diferenciações entre si. O “estar no mundo” de imigrantes brasileiros é marcado por uma aproximação com um “centro” [...] No caso dos Brasileiros no Porto, a luta é para se parecer com uma imagem de identidade brasileira baseada na idéia estereotipada vigente em Portugal e que permite a existência de um lugar específico no mercado de trabalho. A questão é quem é

mais ou menos brasileiro, ou seja, quem exacerba mais a sua “brasilidade”, de acordo com os estereótipos vigentes em Portugal sobre o Brasil e os Brasileiros.” (*Idem*: 174)

O autor destaca que os lugares específicos destinados aos brasileiros no mercado de trabalho são o atendimento ao público e a animação, o que denomina de mercado da alegria. Referente ao atendimento ao público, outras pesquisas abordam esse tema com recorte de gênero, como a de Fernandes (2008), que será analisada a seguir. No entanto, com relação ao setor de animação, não há pesquisas voltadas para as mulheres brasileiras. Na investigação de Machado (2009), foram analisados alguns bares e restaurantes brasileiros, com música e dança brasileira. Esses espaços foram analisados, a partir do “jogo da centralidade” e da “exotização”, como espaços onde os brasileiros reconstruíam a brasilidade como diferencial de mercado. O autor destaca que esses espaços de animação brasileiros eram para os portugueses espaços de exercício de uma sensualidade mais liberada (Machado, 2009: 50).

No que se refere à mulher brasileira, Igor Machado, dedica algumas reflexões a sua especificidade. No “jogo da centralidade”, a “sexualidade agressiva” (Machado, 2009: 105) seria uma característica fundamental para a mulher brasileira aproximar-se da brasilidade e usar isso a seu favor. O autor destaca que as trabalhadoras do sexo e as funcionárias de casas de alterne usariam essa brasilidade. Nessa análise, o autor propõe que o fato das mulheres brasileiras em Portugal serem identificadas como prostitutas deve-se a real existência de muitas mulheres brasileiras na prostituição em Portugal, juntamente com a valorização de uma sensualidade brasileira pelos meios de comunicação de massa brasileiros que entraram em Portugal. A análise não parece suficiente pois utiliza, apenas, nas próprias palavras do autor, o “estive lá e vi” (*idem*: 104) para afirmar que “grande parte do número de imigrantes brasileiras é trabalhadora do sexo” (*idem*: 104). Ao explicar a existência de estereótipos sobre a mulher brasileira ligada a prostituição através da real existência de muitas brasileiras no mercado sexual em Portugal e na recente entrada dos meios de comunicação de massa brasileiros em Portugal, o autor ignora todo o mecanismo complexo de relações saber-poder que constroem estereótipos e imaginários sociais. Assim, a questão colocada anteriormente – a partir de uma referência a Padilla (2007a) e outros autores –, de que “por algum motivo” existe e é reproduzida a imagem da brasileira ligada a hiperssexualidade, continua por ser explicada. Na parte final do livro o autor complexifica sua análise, destacando o papel da lusofonia e dos mitos imperiais na construção dos estereótipos sobre o Brasil e os brasileiros. Torna-se necessário aprofundar a explicação a partir do recorte de gênero.

Referente a subjetividade, a forma como Machado (2009) a aborda, como um “jogo da

centralidade”, não parece explicar a complexidade dos modos de subjetivação dos brasileiros em Portugal. Retornando para as análises de Padilla (2007a), com o recorte de gênero, é possível perceber que nem todas as mulheres brasileiras aproximam-se do “centro”, incorporando o estereótipo vigente. A autora destaca que “para a mulher comum, esta imagem de prostituta tem consequências directas e indirectas, no dia-a-dia” (Padilla, 2007a: 125). Ao lidar com o estereótipo, a autora aponta que as próprias brasileiras acabam criticando-se entre si: “Susana e Rosane queixaram-se de que, por causa de algumas brasileiras que vêm a Portugal ‘fazer a vida’, todas pagam um preço muito alto, já que são todas discriminadas. Elismara diz que existe muito preconceito contra o brasileiro e acha que isso se deve a que algumas mulheres ‘vêm para cá para ter uma vida fácil’” (*idem*: 126). A autora destaca:

Estas narrações ilustram a metáfora da prisão simbólica que Machado utiliza no capítulo 8 deste livro, na qual os Brasileiros ficam presos à imagem estereotipada que os Portugueses têm deles, sendo que esta aprisiona mais as mulheres que os homens porque são elas que mais têm a perder. Neste sentido, o processo de exotização que os Brasileiros experimentam traz consequências mais negativas para as mulheres que para os homens. (*Idem*: 127).

Além dos trabalhos citados, Beatriz Padilla tem outros sobre mulheres brasileiras em Portugal, no Brasil e nos Estados Unidos da América (2001; 2004; 2007a; 2007b; 2008a; 2008b). Além de Padilla, que é socióloga, mas utiliza também abordagens etnográficas, há trabalhos importantes da Antropologia com o recorte de gênero, sobre as brasileiras, não só em Portugal mas também em outros países da Europa, como é o caso de alguns artigos do já citado 1.º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa: sobre os casamentos entre brasileiras e espanhóis e sobre o mercado sexual transnacional. Há também trabalhos em outras áreas, como na saúde, uma investigação publicada pelo ACIDI, sobre a saúde das mulheres imigrantes africanas e brasileiras e, no já referido congresso, um estudo sobre as imigrantes brasileiras com câncer de mama.

2. Mulheres brasileiras no mundo

Parte-se para o segundo recorte temático da revisão da literatura, no qual serão abordados, principalmente, os estudos da Antropologia sobre as mulheres brasileiras em Portugal, e também amplia-se o recorte geográfico, na medida do possível, para mulheres brasileiras no mundo. Percebe-se que os trabalhos com o enfoque de gênero demonstram as

desigualdades enfrentadas pelas mulheres imigrantes, mas também procuram ressaltar a agência dessas mulheres. Conforme Padilla (2009) demonstra, as mulheres brasileiras sofrem com a discriminação e com os estereótipos, mas muitas vezes conseguem subverter o estigma e usá-lo a seu favor, como nos casos dos casamentos mistos de portugueses com brasileiras.

Os estudos antropológicos também perpassam a forma como as imigrantes brasileiras lidam com um imaginário de brasilidade em seu cotidiano e agenciam esse imaginário em diversos contextos. A metodologia é principalmente a etnografia com entrevistas intensivas e os trabalhos diferenciam-se pelos contextos em que focam sua pesquisa de terreno.

Em sua dissertação de mestrado, Gleiciane Fernandes (2008) analisa o cotidiano e as identidades de mulheres brasileiras que trabalham no que ela denomina de mercado da simpatia (trabalhadoras de atendimento ao público e cuidadoras de idosos, que utilizam a simpatia que o português espera do brasileiro como diferencial de mercado) na região de Lisboa. Como antropóloga e brasileira imigrante em Portugal que já trabalhou no mercado da simpatia, a autora propõe como metodologia uma autoetnografia – para além da observação participante, uma participação crítica. A autora descreve as experiências quotidianas das mulheres (18 mulheres fizeram parte do recorte da pesquisa), através de aspectos como os percursos migratórios, os motivos da migração, o papel das redes sociais, a família, o trabalho, o lazer, as amizades. A autora analisa também as “imagens e reflexos”, ou seja, a forma como as brasileiras reconstróem suas identidades a partir das imagens dos portugueses sobre elas, e destaca que “as brasileiras lidam com as imagens representativas sobre a mulher de forma plural” (Fernandes, 2008: 61). A autora evidencia a diversidade de formas como as brasileiras ora reproduzem a imagem como um reflexo de autoafirmação, ora percebem essa imagem como violência e preconceito.

Através da análise de Ana Cláudia Freitas (2009) sobre as prostitutas brasileiras em Portugal, é possível perceber que mesmo as prostitutas buscam em determinados momentos aproximar-se dos estereótipos e em outros afastar-se. Essa questão remete a pesquisas (Gomes, 2009a) as quais evidenciam que o movimento das prostitutas brasileiras que luta pela regulamentação da profissão também luta contra os estereótipos da mulata hipererotizada, como o movimento feminista e movimento negro. A explicação está na luta contra os estereótipos que aprisionam; neste sentido, as prostitutas querem uma profissão reconhecida para lutar contra o preconceito à prostituição e ao mesmo tempo poderem assumir outras identidades e papéis sociais e não serem consideradas apenas prostitutas.

A partir desta questão é possível refletir que os estereótipos em torno da mulher brasileira como prostituta podem ser uma violência contra as brasileiras em Portugal, que em

sua maioria trabalham em diferentes atividades (como destacam Padilla, 2007a; Peixoto *et al.* 2010; Fernandes, 2008). Essa violência, muitas vezes, é percebida pelas brasileiras como causada por outras brasileiras, as que se prostituem em Portugal (Padilla, 2007a), como uma constituição de si em oposição e por diferenciação. No entanto, as próprias prostitutas brasileiras em Portugal, muitas vezes, não querem ser apenas prostitutas, nem sempre prostitutas, mas sim, terem a profissão de prostituta, o que demonstra que a violência do estereótipo pode incidir também sobre elas. Ao mesmo tempo em que esses estereótipos são uma violência, são outras vezes um marco de autoafirmação e valorização. Ou seja, os modos de subjetivação são complexos, as dobras nos discursos hegemônicos são feitas de formas diferentes nas constituições de si.

Também Patrícia Silva (2008), em sua dissertação de mestrado, analisa as narrativas de identidades e as reconstruções de subjetividades das mulheres brasileiras em Lisboa. A autora demonstra que existe um jogo estratégico entre os estereótipos (que reduzem possibilidades como demarcadores de classe e gênero) e as agências (que possibilitam aos sujeitos jogar com identidades). Apesar de não focar uma discussão das dimensões raciais como também redutoras das possibilidades e demarcadoras sociais, a autora destaca a influência de construções coloniais no estereótipo de mulher brasileira. As conclusões apontam: “No contexto particular de Portugal, este jogo adquire contornos quase ‘esquizofrênicos’, porque associada à ideia ‘positiva’ da *brasilidade* (a brasileira sensual, exótica) vem a ideia ‘negativa’ da brasileira-prostituta” (*idem*: 93). Percebe-se que a autora não faz nenhuma discussão sobre as construções sociais do “positivo” ou “negativo”. Não há uma preocupação em compreender como se constrói um imaginário social, que pode engendrar diversos discursos e agenciar valores de diferentes formas; assim a brasileira exótica pode ser positiva e negativa, dependendo de quem julga ou para que julga. O importante não é julgar se esse imaginário constrói uma ideia negativa ou positiva, mas sim perceber com que relações de poder está articulado, como se reproduz socialmente, como colabora para manutenção de papéis sociais, como afeta a vida das imigrantes brasileiras.

Os estudos sobre as brasileiras e como enfrentam os estereótipos de brasilidade não se restringem a imigração em Portugal. Rezende (2008) investigou acadêmicos brasileiros na Europa e nos Estados Unidos da América, com objetivo de compreender como estes experienciam o estereótipo de “brasileiro emocional” e demonstrou que, por vezes, os brasileiros são vítimas de preconceito em função do estereótipo, mas enfrentam esse olhar europeu resignificando de forma positiva esse estereótipo e reforçando uma sensação subjetiva de brasilidade.

McDonnell e Lourenço (2009) investigaram como as mulheres brasileiras imigrantes em Boston (EUA) lidam com o processo de racialização. As autoras demonstram que identidade racial e racialização são coisas diferentes e variam conforme o contexto. Enquanto o primeiro é um sentimento de pertença, o segundo é um processo social de atribuição de classificação para a demarcação de uma hierarquia social. Dados das entrevistas com as brasileiras demonstram que elas se identificavam de forma diferente no Brasil e nos EUA; também, que têm consciência de que sofrem um processo de racialização nos EUA, mais forte que seu pertencimento racial.

Outro contexto de pesquisa, onde os estereótipos e as subjetividades das brasileiras são analisados, é o contexto do turismo sexual. A reconhecida antropóloga Adriana Piscitelli realizou investigações no Nordeste brasileiro, na Espanha e na Itália (Piscitelli 2005; 2007a; 2007b; 2007c; Piscitelli e Vasconcelos, 2008), demonstrando os fluxos transnacionais do mercado sexual (europeus que viajam ao Brasil em busca de sexo com brasileiras e brasileiras que migram para a Europa para trabalhar na prostituição). A autora destaca que existe o tráfico de mulheres, com cárcere e exploração, mas existem também muitas outras práticas, como os namoros temporários em troca de presentes e a prostituição voluntária. Referente aos estereótipos, a autora demonstra que os turistas sexuais, que viajam a Fortaleza, têm uma imagem de mulher brasileira que está vinculada a cor morena e a intensidade sexual; na Espanha, os homens que procuram as brasileiras na prostituição as associam a nacionalidade e não a cor, a uma sensualidade vista como natural, à alegria e à afetuosidade. Para a autora isso denota uma diferença de imagens, no entanto, na perspectiva de uma ordem discursiva (Foucault, 2004; 2008), essas tênues diferenças de imagens podem remeter a um mesmo imaginário social e algumas diferenças nas dobras de subjetivações.

Ainda nas análises da área da Antropologia sobre gênero, imigração e sexualidade, destacam-se as dissertações de mestrado sobre as casas de alterne (Dolabella, 2009) e sobre os fluxos matrimoniais entre brasileiras e portuguesas (Togni, 2008). Cada um dos trabalhos apresenta dados etnográficos que auxiliam a compreender os universos de pesquisa (casa de alterne e casamentos transnacionais) e ambos demonstram a existência de estereótipos sobre a mulher brasileira em Portugal, os quais influenciam as relações entre brasileiras e portuguesas e podem ser agenciados de diferentes formas. No caso dos casamentos entre portuguesas e brasileiras, Togni (2008) aponta que as representações sobre esses casamentos são carregadas de preconceitos sobre a mulher brasileira e sobre os casamentos por conveniência (os quais constituem crime e são explorados pela mídia). A autora analisa a pluralidade envolvida nestas relações matrimoniais e, no que se refere aos estereótipos, aponta que o casamento

torna-se, muitas vezes, amplificador de estereótipos e preconceitos, mas, outras vezes, é promotor do diálogo intercultural.

No caso das casas de alterne, Dolabella (2009) demonstra como as meninas que trabalham nessas casas – que têm por objetivo entreter os clientes homens e fazê-los consumir – constroem suas identidades distanciando-se dos estereótipos da prostituta e da esposa. Na descrição que uma das interlocutoras da pesquisa faz dos clientes (Dolabella, 2009: 18), é interessante notar que o bom cliente é o que entende, valoriza e respeita o seu trabalho – são os que têm mais de 50 anos, casados, frequentam sozinhos a casas de alterne a procura de companhia e pagam as bebidas, e, muitas vezes, buscam encontros fora do alterne (almoços, jantares, viagens e sexo) que elas podem ou não aceitar. Muitas acabam desenvolvendo relacionamentos estáveis como “namoradinhas” que recebem ajudas financeiras. Os maus clientes são os jovens que vão em grupo, consomem apenas *table dance* e acham que vão seduzi-las e não pagam as bebidas e, também, os maduros (35-50 anos), que vão em grupos, geralmente após jantares com os amigos ou negócios, e compreendem o funcionamento da casa, mas não pagam bebidas. Pode-se refletir novamente sobre a construção de uma identidade profissional pelas mulheres inseridas no mercado sexual, em oposição a uma essencialização. A autora destaca também outra interlocutora que ressalta a importância de ser respeitada como alterne. Referente às mulheres brasileiras nas casas de alterne, a autora destaca a forte presença de mulheres brasileiras e a exaltação de uma brasilidade, na reconstrução de estereótipos sobre o agir, o falar e nas roupas (com as cores verde e amarelo). Suas trajetórias são diversas, mas há uma regularidade na inserção no mercado sexual, que se dá através de amigas e devido à dificuldade financeira (subempregos) em Portugal. São jovens, entre 20 e 30 anos.

A autora destaca que as casas de alterne são um terreno importante para refletir sobre temas na Antropologia, como gênero, etnia e sexualidade. Nas falas das interlocutoras (*idem*: 38) a autora evidencia a construção de uma brasilidade associada a comportamentos de gênero e sexualidade tidos como naturais. A brasileira é construída como “carinhosa, atenciosa e alegre” em oposição à portuguesa construída como “fria”. Essas essencializações se completam com a articulação à etnia – uma morenidade, mestiçagem, a língua relacionada com sensualidade, alegria, simpatia. No entanto, não há uma discussão sobre os processos de racialização, não há uma análise sobre os processos sociais de construção de classificações e demarcadores sociais. O enfoque está em como as brasileiras articulam esses demarcadores de gênero, etnia e sexualidade.

No que tange as investigações sobre o mercado sexual, cabe destacar o trabalho de Peixoto *et al.* (2005) e Peixoto (2007) sobre tráfico de mulheres. O primeiro trabalho referido

consiste em uma investigação sobre aspectos políticos, jurídicos e sociológicos sobre o tráfico de seres humanos. A pesquisa aborda o tráfico de mão de obra, de mulheres e de crianças, proporcionando um conhecimento geral sobre o tráfico em Portugal, com estatísticas, fluxos (origens e destinos), caracterização das vítimas, modos de organização, políticas de combate, legislações e discursos da mídia sobre o tráfico. A análise é feita a partir de fontes jurídicas, estatísticas oficiais, entrevistas a órgão de imigração e ONGs e análise de mídia. Na caracterização dos envolvidos, as brasileiras aparecem como as principais vítimas do tráfico para a exploração sexual.

A investigação referida (Peixoto *et al.*, 2005) destaca, em alguns momentos, que as representações dos portugueses de que as brasileiras são prostitutas, com a influência da mídia, fazem com que as brasileiras sejam mais dificilmente consideradas vítimas de tráfico e exploração sexual, mesmo por órgãos oficiais. Referente a uma demanda por brasileiras no mercado da prostituição em Portugal, a investigação menciona brevemente que a demanda é um dos fatores que aumenta o tráfico de mulheres para a exploração sexual. Assim, pode-se pensar que os imaginários sobre a mulher brasileira em Portugal têm duas influências sobre o tráfico de mulheres para a exploração sexual: criam a demanda no mercado da prostituição e dificultam o auxílio às mulheres brasileiras vítimas de tráfico. Peixoto (2007) apresenta outra influência do imaginário da mulher brasileira como prostituta no tráfico de mulheres: o estereótipo cria dificuldades de inserção no mercado de trabalho, o que conduz a mulher brasileira imigrante à prostituição e por vezes a redes de tráfico. Destaca-se um artigo no qual são analisadas as dimensões simbólicas do turismo sexual, demonstrando que os imaginários em torno das mulheres brasileiras influenciam a existência de um mercado de turismo sexual no Brasil (Gomes, 2008).

A relação entre tráfico e imigrantes pode ter ainda outro contorno. Trata-se dos casos onde as mulheres não são vítimas de tráfico e os discursos oficiais podem acabar perseguindo imigrantes que optam pela prostituição como profissão no exterior, com o argumento de protegê-las, retirando sua agencialidade. É o que argumentam Alvim e Bordonaro (2008), ao realizarem uma análise dos discursos sobre o tráfico de mulheres, demonstrando como esses discursos coincidem com o incremento da migração autônoma feminina e acabam por dificultá-la. A perspectiva do artigo é construtivista, ou seja, está focada na construção social e histórica do discurso sobre o tráfico de mulheres.

Alvim e Togni (2010) fazem uma análise semelhante, focando no caso de Portugal e da construção de um “pânico moral” em torno das mulheres brasileiras, ao associá-las ao tráfico de mulheres, à prostituição e aos casamentos por conveniência. Nas palavras das autoras:

[...] os casamentos transnacionais e o tráfico de seres humanos são exemplos de “pânicos morais”, estrategicamente “criados” como fenómenos sociais relevantes em Portugal, após a produção e repercussão sucessiva de matérias, cenas publicitárias e discussões de senso comum que estigmatizaram a mulher brasileira. Criam-se as imagens e as narrativas, que posteriormente legitimam a criação de leis restritivas à mobilidade e à cidadania, e que, por fim, interferem directamente na vida dos sujeitos, nesse caso específico, das mulheres migrantes. (Alvim e Togni, 2010: 151)

Esses trabalhos apontam como os discursos oficiais sobre o tráfico de mulheres também fazem parte da construção de um imaginário sobre as mulheres brasileiras. Os estudos sobre imaginários sociais na mídia, especialmente das Ciências da Comunicação, e sobre estereótipos, principalmente da Psicologia Social (que serão analisados a seguir) também focam-se na análise da construção de estereótipos e preocupam-se com as discussões sobre as construções de classificações sociais. Essa perspectiva construtivista aponta para a necessidade de um estudo mais sistemático sobre como se constrói o imaginário da mulher brasileira em Portugal. Estudo semelhante foi realizado sobre a construção do imaginário da mulher brasileira no Brasil, analisando desde imaginários coloniais ao *marketing* turístico (Gomes, 2009b). No entanto, estas investigações não abordam as agentes.

Por outro lado, na maioria dos trabalhos citados até aqui – que apontam as múltiplas formas como as brasileiras lidam com os estereótipos, seja no mercado de trabalho, seja em casas de alterne, seja nos casamentos mistos ou no turismo sexual – não há discussão sobre como se constroem discursos sociais, imaginários, estereótipos. Não se focam na construção social desses imaginários sociais. Não articulam os estudos empíricos sobre essas mulheres com teorias sobre os imaginários sociais ou sobre estereótipos. Partem do fato de que existe “uma imagem” de mulher brasileira e buscam compreender como as mulheres brasileiras lidam com esse fato. O enfoque está na compreensão das mulheres, como universo de pesquisa.

Neste ponto torna-se fundamental destacar essa separação que tem ocorrido na literatura entre investigações que buscam analisar essa construção do imaginário e as que analisam como as mulheres brasileiras lidam com ele. Essa separação de objetos, áreas científicas e teorias aponta para a necessidade de analisar de forma mais sistemática e correlacionada as construções do discurso hegemônico sobre as mulheres brasileiras, as disputas discursivas e os modos como as brasileiras se reconstroem a partir desses discursos. Neste sentido aponta-se que uma perspectiva teórica e metodológica inspirada em Michel Foucault poderia ser muito útil para suprir lacunas e avançar no conhecimento do tema.

Isto porque a obra de Foucault dedicou-se a explicar como são construídos saberes sociais (1993; 2004; 2008), como esses saberes são naturalizados como verdades (1986) e como os sujeitos constituem-se a partir de dobras nesses discursos (2007a; 2007b). Ou seja, sua analítica propõe a inter-relação entre saber, poder e subjetivação.

O conceito de saber, tal como proposto por Foucault, permite abordar os imaginários e estereótipos sobre a mulher brasileira em Portugal de uma forma original correlacionada com a análise das relações de poder e os processos de subjetivação. Não sendo substantivo, nem essencial, “mulher brasileira” é antes de tudo uma construção social, discursiva e performática, imersa em relações de poder históricas e em modos de subjetivação sempre reconstruídos. Assim, analisar os saberes sobre a mulher brasileira é perceber tudo o que é dito e naturalizado como “mulher brasileira”, atentando para como pode ser dito, quais as disputas sobre aquilo que pode ser dito. Conforme Pol-Droit (2006: 29), “o saber não é a ciência, nem o conjunto de conhecimentos no sentido usual do termo. Com esta antiga palavra, o filósofo designa um ‘novo conceito’: o agenciamento daquilo que uma época pode dizer (seus enunciados) e ver (suas evidências)”. Assim, “o saber [...] pode estar em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas” (Foucault, 2004: 205). O saber é sempre construído historicamente, representa as condições históricas de possibilidade de discurso e percepção. Para mapear um saber é preciso analisar os mais variados discursos (mídia, discursos oficiais, discursos turísticos, intelectuais, artísticos, políticos...). Para analisar as estratégias de poder que perpassam um saber é preciso perceber qual é a ordem discursiva e quais são os contradiscursos, o que é naturalizado e o que é silenciado. E por fim perceber como os sujeitos se constituem como tal nessa trama de saber-poder.

Muitos trabalhos demonstraram que a mulher brasileira possui um imaginário específico e muito presente na sociedade portuguesa, ligado à alegria, sensualidade, prostituição. Essa comprovação empírica é um avanço importante na literatura. Torna-se necessário perceber como se construiu e se naturalizou esse saber sobre a mulher brasileira. Alguns trabalhos apontam para o papel da mídia, dos discursos históricos e exaltações coloniais (como será analisado a seguir), dos discursos oficiais sobre tráfico de mulheres. É preciso uma análise mais sistemática e que inclua outros discursos importantes que ainda não foram analisados, como os discursos turísticos. Além disso, é preciso compreender porque esses saberes se tornam hegemônicos e são naturalizados. Alguns autores apontam para um processo de racialização e etnização. Nesse sentido é preciso refletir sobre o poder construir hierarquias raciais, de gênero e sexualidade.

Essa parece ser outra lacuna da bibliografia: alguns trabalhos apontam o processo de

racialização e etnização que sofrem as mulheres brasileiras, no entanto não exploram como os processos de racialização e etnização fazem parte do processo de essencialização da mulher brasileira, através de uma naturalização de saberes. Os trabalhos são bastante empíricos, mas quando se trata desses conceitos de “raça” e “etnia” não há a preocupação em analisá-los em sua empiricidade. Na maioria dos casos, quando são feitas algumas referências conceituais não estão relacionadas com a pesquisa empírica, os conceitos são tomados como *a priori* ou constantes antropológicas. Seria necessário analisar como se constrói o que é “brasileiro” em Portugal, analisar esses conceitos como categorias que operam nessa realidade social das imigrantes brasileiras em Portugal. Os saberes sobre a mulher brasileira estão articulados com categorizações de raça, etnia, gênero, sexualidade, que são construídas em um contexto específico, imbricadas em relações de poder específicas. Muitas são as discussões teóricas sobre raça e etnia (por exemplo, Balibar e Wallerstein, 1988; Guimarães, 2003; Munanga, 2003; Wieviorka, 2002) e sobre raça, colonialismo, gênero e sexualidade (por exemplo, Lugones, 2008; Brah, 2006), mas poucas estão presentes nos trabalhos.

3. Imigração, etnicidade e racismo

Referente ao terceiro tema da revisão da literatura – imigração, etnicidade e racismo – destacam-se as investigações sobre estereótipos. A Psicologia Social tem se dedicado a investigar a presença de estereótipos sobre o imigrante na sociedade portuguesa e como estes constituem-se como racialização, etnização e diferenciação das minorias. Nesta perspectiva destacam-se os trabalhos de Jorge Vala (1999), Vala *et al.* (1999) e Vala e Lima (2003). Os dados produzidos nestas análises, a partir de metodologias extensivas da Psicologia Social, auxiliam a pensar a existência concreta de estereótipos sobre os imigrantes na sociedade portuguesa. No que se refere especificamente aos estereótipos sobre a imigração brasileira, foi mencionada anteriormente a investigação de Lages e Policarpo (2003) e o artigo de Silva e Schiltz (2007).

As Ciências da Comunicação têm dedicado-se a análise da mídia e como esta constrói estereótipos sobre a mulher brasileira em Portugal (Cunha, 2005; Pontes, 2004), sobre o Brasil (Souza, 2002) e sobre os imigrantes em geral. Neste último tema destaca-se a investigação realizada pelo Observatório da Comunicação para o ACIME (Cádima *et al.*, 2003) e duas publicações do ACIME, *Media, Imigração e Minorias Étnicas* (Cunha *et al.*, 2004; 2006).

O estudo de Souza (2002) baseia-se em análise quantitativa dos discursos da imprensa portuguesa sobre o Brasil, analisa o *Diário de Notícias*, o *Público*, a revista *Visão*, entre

outros importantes veículos de imprensa. Os dados são de 1999, mas apesar disto parecem ainda importantes, por refletirem sobre algumas questões: o autor demonstra que a maioria das peças de jornais de grande circulação apresenta uma visão positiva do Brasil, e que abordam principalmente temas sobre cultura, espetáculos, televisão e esportes. Nesse sentido pode-se pensar nas relações com os estereótipos do Brasil associado à festa, alegria, esporte.

No que tange as mulheres brasileiras destaca-se a investigação de Cunha (2005), a qual evidencia o papel das telenovelas brasileiras exibidas em Portugal e a reprodução em Portugal do que já é criticado e analisado no Brasil: a construção da mulher nas telenovelas brasileiras em torno da beleza, da sensualidade e do erotismo. A autora destaca também o papel da imprensa portuguesa na construção do estereótipo da imigrante prostituta, na medida em que divulga muito mais essas notícias do que outras referentes à imigração.

Pontes (2004) demonstra como a mídia portuguesa constrói representações que essencializam e exotizam a identidade nacional brasileira através da sexualidade das mulheres brasileiras. A autora destaca: “Existe uma grande associação entre gênero e nacionalidade nas representações da mulher brasileira na mídia portuguesa. Neste artigo, demonstro que essas representações feminizam o Brasil, ao mesmo tempo que sexualizam gênero” (Pontes, 2004: 232). A autora destaca a publicidade ao Guaraná Brasil, com anúncios com mulheres, tucanos e futebol. Pontes (2004) menciona ainda a importância do turismo na construção dos estereótipos, mas não foca sua análise nos discursos turísticos, o que é uma importante lacuna, tendo em vista que muitos autores mencionam os discursos turísticos, no entanto não os constituem como objeto de estudo, o que pretende-se discutir.

Ambas autoras (Cunha, 2005; Pontes, 2004) destacam o caso das “Mães de Bragança”, muito noticiado na mídia portuguesa, no qual as portuguesas voltaram-se contra as mulheres brasileiras que trabalhavam no mercado da prostituição em Bragança (inclusive com manifestações públicas e abaixo-assinado). No caso, as mulheres brasileiras são construídas como as pecadoras, como destruidoras do lar, enquanto as portuguesas são construídas como mães e esposas. Os homens portugueses são desculpabilizados e até mesmo considerados vítimas das mulheres brasileiras sedutoras.

Mais recentemente destaca-se um livro e uma revista que exploram exatamente essa imagem da mulher brasileira como sedutora. Destaca-se que a reportagem da revista *Focus* já no primeiro parágrafo, ao destacar os casamentos entre portugueses e brasileiras, refere-se às mulheres brasileiras como mulheres das “Terras de Vera Cruz”, em uma referência clara ao imaginário colonial, tendo em vista que Terra de Vera Cruz foi o primeiro nome dado pelos descobridores portugueses ao território que hoje é o Brasil.



Livro classificado como autoajuda, Livros d'Hoje, 2010.



Revista *Focus*, agosto de 2010.

A construção da mulher brasileira como pecadora remete a uma reconstrução da moral cristã ocidental que divide as mulheres em “Evas” e “Marias” (Vasconcelos, 2005) e desculpabiliza os homens, a partir da neutralidade própria de quem ocupa o papel central nas relações de poder, no caso o contrato sexual patriarcal (Pateman, 1993) e o biopoder (Foucault, 1993; 1996). É possível perceber que o dispositivo da racialização intersecciona o dispositivo de gênero/sexualidade na divisão das mulheres entre “Evas” e “Marias”. Assim as mulheres brancas europeias são as Marias/mães/esposas e as negras ou mestiças das ex-colônias são as Evas/pecadoras/prostitutas.

Neste ponto, parte-se para as discussões da História e da Antropologia que abordam o colonialismo e suas continuidades e reconfigurações atuais. Entende-se que estas discussões estão relacionadas ao tema imigração, etnicidade e racismo desta revisão crítica da literatura, pois as construções de estereótipos sobre os imigrantes estão relacionadas com imaginários coloniais que construíram e reproduzem racismos.

Conforme Stolke (2006), no período colonial, a moralidade das metrópoles ibéricas foi implantada nas colônias, pela Igreja e pelo Estado. Esses valores e regras de casamento e pureza de sangue dividiam as mulheres em dois tipos baseados em sexualidade e raça: as virgens eurodescendentes e as disponíveis indígenas e africanas e/ou afrodescendentes escravizadas. Gonçalves (2005) e Pratt (1999) analisam relatos de viajantes do século XVIII e como constroem imagens dos impérios e das colônias. No que se refere aos imaginários em torno das mulheres, Gonçalves (2005) destaca que mesmo as mulheres da elite eram narradas

através do corpo e de seu menor pudor, o que, para os viajantes europeus, era considerado selvagem. Já na Carta de Pero Vaz de Caminha, conforme Santana (2008), inicia-se a construção da brasilidade associada à ideia de paraíso natural e selvagem, ligada a uma descrição do corpo feminino das nativas do Brasil.

Essas narrativas coloniais de gênero são reconstruídas no século XIX, na formação de uma identidade nacional brasileira, articuladas com narrativas de raça. A literatura desempenha um papel fundamental, em obras como *Iracema* (1865) de José de Alencar, nas quais a nação brasileira é forjada através do nascimento do primeiro brasileiro fruto da sensualidade da mulher indígena que seduz o português colonizador. Em 1840, o primeiro concurso de História Nacional do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro seleciona a tese das raças formadoras, como a melhor para descrever a história nacional. Ao longo do século XIX é realizado um grande debate sobre o futuro do Brasil devido a sua condição racial mestiça, uns defendendo o branqueamento da população através da imigração europeia, outros condenando a nação brasileira à barbárie. Em 1933, com a publicação de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, pretende-se uma alteração na interpretação da mestiçagem, a qual passa a ser considerada positiva. O autor propõe uma interpretação da história do Brasil e da colonização portuguesa como harmonicamente mestiça. Essa tese gerou, de imediato, críticas na imprensa negra brasileira e, posteriormente, críticas sociológicas e de movimentos sociais, que destacam a existência de desigualdades raciais no Brasil, a violência desse processo de miscigenação forjado através do corpo de mulheres negras escravizadas e a violência da criação de estereótipos e papéis sociais a partir desse mito luso-tropical. A construção freyriana consiste em uma releitura do casal miscigenador como formador da nação brasileira, passa da mulher indígena para a mulher negra ou mulata como símbolo da miscigenação racial e sexual. Essa discussão está presente em várias pesquisas no Brasil, como por exemplo Gomes (2009a).

No que se refere à construção dessa brasilidade em Portugal, destaca-se as análises antropológicas de Almeida (2000) e históricas de Castelo (1998), as quais se focam na recepção do luso-tropicalismo (cujo ícone é Gilberto Freyre, mas não só) em Portugal e nos usos do luso-tropicalismo pelo colonialismo português, em discursos políticos, intelectuais e literários, inclusive demonstrando a atuação direta de Gilberto Freyre nas instituições do Império. Os autores demonstram que esse imaginário de mestiçagem sexual e racial harmônica passou a marcar a identidade portuguesa no que se refere as suas relações coloniais. Os autores apontam que esse discurso foi utilizado para a manutenção das colônias em contextos internacionais já críticos ao colonialismo. No Brasil esse discurso foi, e ainda é

utilizado para invisibilizar o racismo e contrapor medidas de ações afirmativas para a população negra (Gomes, 2009a).

Ao analisar as mulheres brasileiras em Portugal, essa dimensão é fundamental e está praticamente ausente da literatura. É necessário refletir sobre as diferenças entre Brasil e Portugal nas reconstruções desse luso-tropicalismo. No Brasil, a mulher negra foi construída como o símbolo desta erotização responsável pela mestiçagem sexual e racial, em demarcações de gênero, sexualidade e raça (fenotípica, associada a traços comportamentais e culturais). Em Portugal, o símbolo dessa erotização parece ser a mulher brasileira, em demarcações de gênero, sexualidade, nacionalidade, língua e raça (construída como essencialização não necessariamente fenotípica com relação à cor). Em ambos os contextos o racismo biológico e cultural estão associados. Discussões teóricas sobre estes conceitos, análises empíricas sobre como operam socialmente, tendo em vista suas construções históricas, são fundamentais para compreender a imigração brasileira em Portugal atualmente. Destaca-se ainda o livro *Trânsitos Coloniais: Diálogos Críticos Luso-Brasileiros* (Almeida *et al.*, 2002), no qual diversos autores analisam o colonialismo e suas implicações para os ex-colonizados e ex-colonizadores.

Na interface dos discursos coloniais, intelectuais, literários e políticos (analisados pela História e Antropologia), dos discursos oficiais sobre tráfico (analisados por uma Antropologia construtivista) e dos discursos da mídia (analisados pela Comunicação Social), percebe-se que não há análise sobre os discursos turísticos. Esses discursos tiveram um papel importante na construção da imagem da mulher brasileira no exterior, como será analisado a seguir, e articularam gênero, sexualidade, raça, nacionalidade.

Também, os discursos oficiais sobre imigração não têm sido analisados como construtores dessa ordem discursiva, com exceção de Alvim e Bordonaro (2008) e Alvim e Togni (2010), que analisaram os discursos sobre tráfico de mulheres como construtores de estigmas sobre as imigrantes. Referente aos discursos oficiais, destaca-se, também, uma investigação publicada pelo ACIME (Santos, 2004), sobre os discursos oficiais do Estado sobre a emigração dos anos 60 a 80 e a imigração dos anos 90 até a atualidade. No que tange a imigração, são analisadas as políticas e seus discursos sobre imigração irregular, reagrupamento familiar, segurança social e ensino da cultura e da língua. A pesquisa traça um importante panorama geral e apresenta a relação entre política (partidos, tendências), políticas de imigração e discursos – o que auxilia a refletir sobre as construções de imaginários sobre os imigrantes nestes discursos oficiais.

Ainda, é importante mapear os discursos das organizações de imigrantes, na mesma

perspectiva de análise: como constroem discursos sobre os imigrantes. Essas associações são muitas vezes entrevistadas nas investigações (Casa do Brasil em Lisboa, Casa da América Latina e outras), mas como fontes para conhecer o fenômeno das migrações e não elas próprias como objeto de estudo. É importante analisar seus discursos também como construtores de imaginários sobre os imigrantes.

Colocar em confronto essa variedade de discursos torna-se fundamental para perceber a ordem discursiva, demarcar as disputas discursivas e assim refletir sobre a construção de saberes em relações de poder. Nessa multiplicidade de discursos, destaca-se que os discursos turísticos são os que têm sido menos estudados. No entanto, muitos autores apontam as interfaces entre turismo e migrações, como Barreto (2009) e Hall e Williams (2000). Entre as interfaces, os autores referem-se ao turismo entendido como uma forma de migração, o turismo gerando migrações, as migrações gerando fluxos turísticos, as mudanças sociais e culturais que esses fenômenos de mobilidade geram no mundo globalizado. Além disso os fenômenos turístico e migratório podem ser entendidos como fluxos de construções simbólicas, como importantes espaços de construção de imaginários sociais. Autoras como Conceição (1998) e Gastal (2005) apontam a importância do turismo como reconstrutor da realidade social e como construtor de imaginários sociais. Neste sentido destaca-se a investigação de Falco (2009), a qual sugere uma aproximação entre o turismo e as migrações como deslocamentos contemporâneos responsáveis pela construção do “estrangeiro” e do “nacional”. Também o conceito de viagem, como categoria filosófica (Botton, 2010), aproxima turismo e migrações, através do olhar sobre a experiência de viajar, experiência de encontro com a alteridade.

4. O turismo e a imagem da mulher brasileira

Conforme Aoun (2001), uma reedição do imaginário ocidental colonial de paraíso teria sido realizada pelo *marketing* turístico do século XX. A busca pelo paraíso teria passado a motivar viagens de lazer, gerando uma nova onda de deslocamentos mundiais: as viagens turísticas. Conforme o autor, analisando a Bíblia, textos de religiosos da Idade Média, relatos de viajantes do período das expansões marítimas e literatura do século XVI e XVII, o imaginário ocidental foi permeado pela ideia de paraíso. O paraíso bíblico foi construído na relação entre a natureza e o pecado original. Esse Jardim do Éden era o local ideal, sonhado, perfeito e, ao mesmo tempo, o lugar do pecado original que resultou na expulsão dos seres humanos do paraíso, mas para o qual os eleitos poderiam voltar. Conforme o autor, no período

das expansões marítimas, os europeus passaram a buscar um paraíso na terra, relacionado também com a possibilidade de conseguir riquezas, partiram na busca de um lugar ideal.

No turismo do século XX esse imaginário foi, conforme o autor, reeditado nos fluxos turísticos de europeus para as antigas colônias. Conforme já referido anteriormente, a partir de uma perspectiva de gênero, Vasconcelos (2005) demonstra que esse imaginário ocidental do paraíso e do pecado original foi diretamente relacionado com a construção de representações sobre as mulheres e a sexualidade. É através desse imaginário judaico-cristão ocidental que as mulheres vão ser construídas como “Evas” e “Marias”. As “Evas” foram as responsáveis pelo pecado original e, assim, por expulsar os seres humanos do paraíso, elas habitavam o Jardim do Éden e representavam a tentação e a sedução. As mulheres nativas das colônias vão ser construídas como “Evas”, misturadas à natureza, no paraíso. Conforme Aoun (2001), as terras “descobertas” no período colonial vão ser construídas como lugares exóticos e eróticos, em oposição à Europa, assim como os destinos turísticos do século XX vão construir o paraíso tropical e o jardim de delícias.

Neste ponto destaca-se a dissertação de mestrado (Gomes, 2009a) que demonstrou o papel do turismo na construção do Brasil como um “paraíso de mulatas”. A dissertação demonstrou que a construção do imaginário social do Brasil como paraíso de mulatas articula diferentes discursos na construção de uma ordem discursiva de gênero, sexualidade, raça e nacionalidade. Foram analisados discursos literários (por exemplo, José de Alencar, já mencionado), discursos intelectuais (especialmente Gilberto Freyre, já mencionado), discursos artísticos (como DiCavalcanti), midiáticos (como o Carnaval Globeza da Rede Globo de televisão, cujo símbolo é uma mulata nua) e turísticos. A dissertação evidenciou a importância dos discursos turísticos para a reconstrução contemporânea desses imaginários coloniais sobre as mulheres brasileiras.

No que se refere ao *marketing* turístico, destaca-se que a partir da década de 1960, com a criação da Embratur (Empresa Brasileira de Turismo, hoje autarquia do Ministério do Turismo responsável pelo *marketing* do Brasil), o turismo entra para a agenda governamental. No mercado turístico internacional, regido pelo imaginário de paraíso, os operadores turísticos transformam o Brasil em destino paradisíaco e a Embratur passa a investir nessa imagem para competir no mercado. Bignami (2002) demonstra que a imagem do Brasil no turismo tem sido construída em cinco eixos: Brasil paraíso, lugar de sexo fácil, país do Carnaval, lugar do exótico e do místico, Brasil do brasileiro (sendo este último uma série de características, entre elas a ausência de racismo). Alfonso (2006) também demonstra que a Embratur utilizou imagens de mulheres seminuas como atrativo turístico. Segue-se uma imagem das campanhas publicitárias da Embratur da década de 1970.



Revista *Rio, Samba e Carnaval*, distribuída em várias línguas pela Embratur, 1973 (Gomes, 2009: 53).

No que se refere à animação turística, destaca-se Oswaldo Sargentelli (1923-2002) e o seu Show de Contemplação às Mulatas. Sargentelli em 1948 ingressa para a rádio como apresentador, em 1957 para a televisão e em 1971 estreia seu *show* de mulatas, o qual apresentou em várias casas noturnas do Rio de Janeiro e depois por vários países do mundo. Sargentelli consolida a mulata no imaginário social, a partir dessa definição, que expressa em sua autobiografia: “Eu amo uma boa mulata de cintura fina, coxinha grossa, carinha de safada, boa dentadura e cheirosa, que anda, fala, dorme, ri e chora, senta, levanta, mexe, remexe, deixando a moçada com água na boca. E quem não gosta de mulata, bom sujeito não é, é ruim da cabeça ou então é veado mesmo” (Sargentelli, 1993: 69).

A mulata – uma invenção discursiva e performativa de raça, gênero e sexualidade – é consolidada como identidade espetacularizada e vendida como atrativo turístico.

O sucesso dessa manifestação espetacularizada do imaginário social brasileiro construído desde o século XIX foi tanto que a mulata passou de símbolo da identidade nacional a atrativo turístico principal do Brasil e, assim, a imagem no Brasil no mundo. Como atrativo turístico, símbolo de uma indústria emergente – a indústria do turismo – ser mulata foi se transformando em profissão. Sargentelli passou a se denominar mulatólogo – o expertise em mulatas. A construção da mulata se tornou cada vez mais disciplinarizada em relações saber-poder. Nesse processo destacam-se os Cursos de Formação de Mulatas do Senac do Rio de Janeiro, realizados no final da década de 1980 e início da década de 1990 (Giacomini, 2006).

Acrescenta-se, ainda, na construção da mulata, a atuação da Rede Globo de televisão. A construção da teledramaturgia é da mulata sensual. Na década de 1970, cita-se a novela *Gabriela, Cravo e Canela*, inspirada na obra de Jorge Amado. Em 2004, a Rede Globo fez a primeira novela com uma protagonista negra (interpretada pela atriz Taís Araújo), cujo título da novela era *Da Cor do Pecado*. Em 2007, a novela *Paraíso Tropical* tinha como uma das personagens principais a prostituta mulata Bebel (interpretada pela atriz Camila Pitanga); ressalta-se que nessa novela houve um caso de prostituição de uma branca de classe média, construído como sofrimento para a prostituta e crime do prostituidor, enquanto que a prostituição de Bebel, a mulata pobre, era divertida e natural. Na teledramaturgia a figura da mulata sensual foi, muitas vezes, correlata a figura da prostituta. Tendo em vista que as novelas da Globo são transmitidas atualmente em Portugal, isso contribui para a construção do imaginário de mulher brasileira sensual.

Em 1993, a Rede Globo realiza a primeira vinheta de chamada para a transmissão do desfile das Escolas de Samba do Carnaval do Rio de Janeiro. Nessa vinheta, criada por um europeu, a mulata desenvolve performance semelhante a do Show das Mulatas. Assim, a mídia, nas relações saber-poder, também sabe o que é uma boa mulata, uma Mulata Globeleza. O Carnaval televisionado consolida a identidade nacional da mestiçagem harmônica, racial e sexual, sintetizada na figura da mulata erotizada, como espetáculo multimídia. A seguir as imagens do Carnaval 2009 e o primeiro da década de 1990 (Gomes, 2009a: 59):



2009



Década de 1990

Muitas são as tentativas de desconstrução desse imaginário da mulher brasileira erotizada: diversas ações têm sido realizadas nos últimos anos, como atos públicos, abaixo-assinados, protestos, campanhas de sensibilização, do Movimento Negro, do Movimento

Feminista, do Movimento de Mulheres Negras, de entidades do Terceiro Setor voltadas ao combate do turismo sexual. Destaca-se a Lei do Estado do Rio de Janeiro n.º 4642 de 2005, a qual proíbe o uso de imagens de mulheres seminuas nas propagandas turísticas e cartões postais, e foi resultado de enorme pressão do Movimento Feminista e de Mulheres Negras (Gomes, 2009a: 70).

Destaca-se ainda o Plano Aquarela, atual política de *marketing* internacional da Embratur, a qual tem objetivo de reposicionar a imagem do Brasil no mundo, desconstruindo essa imagem em torno da mulher brasileira. Conforme Gomes (2009a), existem alguns avanços na transformação da imagem. No entanto, também existem reconstruções da imagem de mulata erótica, como os Shows de Mulatas da Cia. Sandrinha Sargentelli, sobrinha do já citado Oswaldo Sargentelli, que continua a realizar os *shows* após a morte de seu tio, apesar de já ter sido processada pelo Movimento Negro.

Percebe-se a necessidade de analisar esse imaginário atualmente em Portugal. Nesse sentido destacou-se, na pesquisa de campo exploratória até aqui realizada, a existência em Portugal de *shows* de samba, com brasileiras dançando, similares ao Show de Mulatas Sargentelli, em danceterias de Lisboa, localizadas em zonas turísticas da cidade (como o Parque das Nações). Outros autores dedicaram-se a analisar a participação de brasileiros no setor da animação em Portugal, como é o caso de Machado (2009), já citado, que investigou a atuação de brasileiros que trabalham com a cultura brasileira no mercado da animação no Porto. O autor analisou como esses brasileiros reconstruíam a sua brasilidade, aproximavam-se de estereótipos e os usavam. No entanto, não foram encontradas investigações com o enfoque de gênero, o que parece ser uma lacuna da literatura, tendo em vista que a cultura brasileira no exterior tem sido construída com forte relação a uma imagem de mulher brasileira. Nesse sentido parece necessário complementar a análise de Machado (2009) com um enfoque de gênero e centrar a investigação nessas mulheres que atuam em *shows* de samba e outros espetáculos que se intitulem de cultura brasileira em Portugal.

Na pesquisa exploratória, destacou-se, também, uma peça publicitária da retransmissão da Rede Globo, do Carnaval do Rio de Janeiro, pela ZON Multimedia, em uma paragem de autocarro em Lisboa, em fevereiro de 2010. E uma peça publicitária da Embratur/Ministério do Turismo do Brasil em paragem de autocarro em novembro de 2009. A primeira aponta para a hipótese de reconstrução da erotização e a segunda parece propor uma nova imagem, ligada à família e ao conceito de patrimônio.

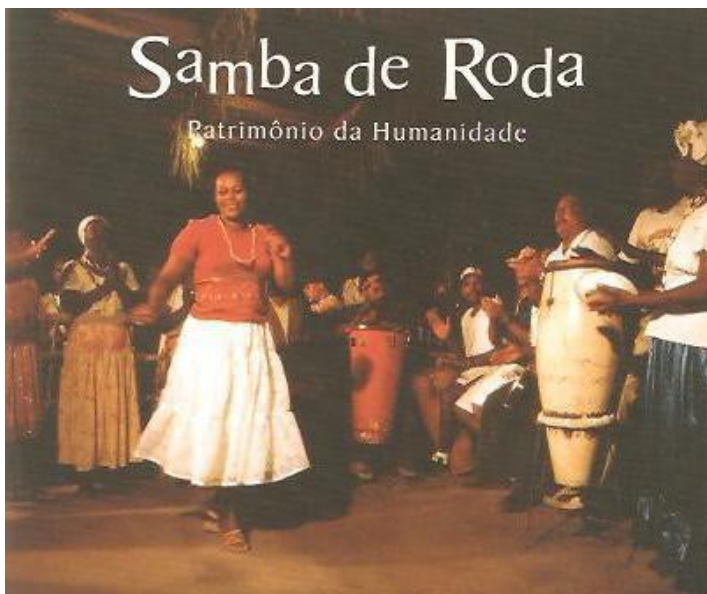


Peça publicitária da TV Globo Portugal e da ZON.
Lisboa, fevereiro de 2010.



Peça publicitária da Embratur.
Lisboa, novembro de 2009.

Referente ao conceito de patrimônio cabe destacar as disputas atuais em torno do samba. O samba é uma manifestação da cultura popular brasileira, um ritmo musical associado a uma dança, de origem afro-brasileira. No entanto, são muitas as variáveis do samba: samba-enredo, samba de roda, samba de terreiro, partido alto... O samba foi transformado em símbolo de identidade nacional, em patrimônio cultural imaterial e em atrativo turístico. Esses processos são carregados de tensões, conforme demonstra Gomes (2010). Um exemplo é a oposição entre samba-enredo e samba de roda: o primeiro está associado ao Carnaval do Rio de Janeiro, o qual foi mais desenvolvido como atrativo turístico nas décadas de 70 e 80, ligado a erotização; o segundo foi tombado pela UNESCO como “obra-prima do patrimônio imaterial da humanidade” e está atualmente sendo desenvolvido como atrativo turístico cultural. A seguir uma imagem do samba de roda que evidencia sua construção totalmente diferenciada da imagem do samba associada ao Carnaval do Rio de Janeiro. Esse investimento nos outros sambas aponta para a transformação do *marketing* turístico do Brasil, centrado no conceito de patrimônio e não na erotização.



Imagens de divulgação do título da UNESCO concedido ao samba de roda.
Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Considerações finais

Ao finalizar a presente revisão crítica da literatura evidenciou-se que o tema da imigração brasileira em Portugal está em ascensão, com grande destaque para as pesquisas sobre as mulheres brasileiras, especialmente nas áreas da Sociologia e da Antropologia, e apresenta já autores de referência com diversas investigações e publicações (como Beatriz Padilla, João Peixoto e Igor Machado). Destacou-se também que a questão dos imaginários perpassa a maioria das investigações, apesar de não tornar-se objeto de estudo mais específico na maioria dos casos.

A organização da pesquisa bibliográfica a partir dos quatro recortes propostos – imigração brasileira em Portugal; mulheres brasileiras no mundo; imigração, etnicidade e racismo; e turismo e imagem da mulher brasileira – possibilitou realizar um mapeamento e análise da investigação sobre as mulheres brasileiras em Portugal, destacando-se algumas lacunas e possibilidades de avanço teórico, metodológico e empírico.

Referente ao avanço teórico destacou-se que seria necessária uma maior apropriação das teorias feministas, da teoria *queer*, do feminismo descolonial (por exemplo, Scott, 1986; Pateman, 1993; González, 1988; Butler, 2008). Assim seria possível relacionar o objeto específico – mulheres brasileiras em Portugal – com discussões mais amplas dos estudos de gênero, feministas e *queer*, para um processo qualificado de realimentação entre teoria e empiria. Também, muitas investigações demonstram a existência de um processo de

racialização ao qual os brasileiros estariam sujeitos em Portugal, no entanto não dialoga exaustivamente com as discussões sobre raça, etnia, racismo, colonialismo. Muitas são as discussões teóricas sobre raça e etnia (por exemplo, Balibar e Wallerstein, 1988; Guimarães, 2003; Munanga, 2003; Wieviorka, 2002) e sobre raça, colonialismo, gênero e sexualidade (por exemplo, Lugones, 2008; Brah, 2006), mas poucas estão presentes nos trabalhos.

Com relação às lacunas metodológicas, percebeu-se que as áreas estão bastante divididas e, assim, proporcionam importantes conhecimentos em suas áreas com suas metodologias específicas, mas seria necessária uma metodologia interdisciplinar para relacioná-los. Essa separação tem ocorrido na literatura entre investigações que buscam analisar a construção dos imaginários sobre os imigrantes (Ciências da Comunicação e Psicologia Social) e as que analisam como as mulheres brasileiras lidam com esses imaginários (Sociologia e Antropologia). Essa separação de objetos, áreas científicas e teorias aponta para a necessidade de analisar, de forma mais sistemática e correlacionada, as construções do discurso hegemônico sobre as mulheres brasileiras, as disputas discursivas e os modos como as brasileiras se reconstróem a partir desses discursos. Não existe nenhuma investigação que aborde de forma correlacionada a construção social desses imaginários, as relações de poder que estão articuladas a esta construção e a forma como as brasileiras lidam com esses imaginários.

Neste sentido aponta-se que uma perspectiva teórica e metodológica inspirada em Michel Foucault poderia ser muito útil para suprir lacunas e avançar no conhecimento do tema. Isto porque a obra de Foucault dedicou-se a explicar como são construídos saberes sociais (Foucault, 1993; 2004; 2008), como esses saberes são naturalizados como verdades (*idem*, 1986) e como os sujeitos constituem-se a partir de dobras nesses discursos (*idem*, 2007a, 2007b). Ou seja, sua analítica propõe a inter-relação entre saber, poder e subjetivação.

Muitos trabalhos demonstraram que a mulher brasileira possui um imaginário específico e muito presente na sociedade portuguesa, ligado à alegria, sensualidade, prostituição. Essa comprovação empírica é um avanço importante na literatura. Torna-se necessário perceber como se construiu e se naturalizou (em que relações de poder) esse saber sobre a mulher brasileira. Alguns trabalhos apontam para o papel da mídia, dos discursos históricos, intelectuais e políticos de exaltações coloniais, dos discursos oficiais sobre tráfico de mulheres. É preciso uma análise mais sistemática e que inclua outros discursos importantes que ainda não foram analisados, como os discursos turísticos. Os discursos turísticos tiveram um papel importante na construção da imagem da mulher brasileira no exterior e articularam classificações sociais de gênero, sexualidade, raça, nacionalidade.

Esta é uma importante lacuna empírica: a inexistência de estudos sobre os discursos turísticos sobre o Brasil em Portugal (por exemplo, imprensa turística, *marketing* turístico público sobre o Brasil, *marketing* privado/agências de turismo que comercializam o Brasil, espetáculos de cultura brasileira em Portugal). Também os discursos sobre imigração não têm sido analisados como construtores dessa ordem discursiva, com exceção dos estudos sobre os discursos em torno do tráfico de mulheres. Seria importante mapear os discursos das organizações de imigrantes, na mesma perspectiva de análise: como constroem discursos sobre os imigrantes. Essas associações são muitas vezes entrevistadas nas investigações (Casa do Brasil em Lisboa, Casa da América Latina e outras), mas como fontes para conhecer o fenômeno das migrações e não elas próprias como objeto de estudo. É importante analisar seus discursos também como construtores de imaginários sobre os imigrantes.

Colocar em confronto essa variedade de discursos torna-se fundamental para perceber a ordem discursiva sobre a mulher brasileira em Portugal, demarcar as disputas discursivas e assim refletir sobre a construção de saberes em relações de poder. Mas essa análise do saber-poder precisa estar relacionada com a análise sobre os processos de subjetivação. Ou seja, é preciso focar-se também nas próprias agentes, mulheres brasileiras e como elas se tornam sujeitos (des)(re)construindo esse discurso hegemônico.

As investigações sobre como as mulheres brasileiras lidam com os estereótipos nas mais diferentes inserções em Portugal (trabalhadoras do atendimento ao público, do serviço doméstico e do cuidado aos idosos, empreendedoras, trabalhadoras das casas de alterne, profissionais do sexo, casadas com portugueses) têm gerando muito material empírico a partir de entrevistas, histórias de vida e etnografias. A partir dessa bibliografia é possível avançar nas discussões teóricas e na análise correlacionada (a partir de uma metodologia original inspirada em Michel Foucault) entre a forma como as brasileiras sentem e lidam com esse imaginário e sua construção social como uma ordem discursiva imersa em relações de poder.

Além desse material empírico já disponível sobre certa diversidade de mulheres brasileiras em Portugal, há um grupo de brasileiras sobre o qual não há material empírico (entrevistas, etnografia) disponível em bibliografias. Trata-se das mulheres brasileiras inseridas no setor da animação em Portugal: mulheres brasileiras que trabalham como sambistas, dançarinas de forró e outros espetáculos que se intitulem de cultura brasileira em Portugal. Há investigações sobre os brasileiros inseridos nesse mercado, mas não com enfoque específico nas brasileiras.

Para realizar uma análise baseada no tripé saber-poder-subjetivação é preciso uma variedade e diversidade de discursos e uma grande variedade de sujeitos em suas

possibilidades diferentes de subjetivações. Nesse sentido, tudo o que já está investigado em termos empíricos (discursos da mídia, discursos intelectuais, políticos e literários, de reconstrução de um colonialismo, estereótipos dos portugueses, discursos sobre o tráfico de mulheres, discursos das mulheres brasileiras em diferentes inserções em Portugal) pode ser aproveitado através da bibliografia e complementado por um diferente enfoque teórico-metodológico. Além disso, deve-se avançar em pesquisa empírica sobre o que se apresenta como lacuna (discursos turísticos, discursos do espaço migratório, mulheres brasileiras inseridas no mercado da animação).

Referências bibliográficas

- AA.VV. (2010), *1.º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 294 p.
- Alfonso, Louise (2006), *EMBRATUR: Formadora de Imagens da Nação Brasileira*, dissertação de mestrado. UNICAMP / IFCH / Departamento de Antropologia.
- Almeida, Miguel Vale de (2000), *Um Mar Cor da Terra: “Raça”, Cultura e Política da Identidade*. Oeiras: Celta Editora.
- Almeida, Miguel Vale de, et al. (2002), *Trânsitos Coloniais: Diálogos Críticos Luso-Brasileiros*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Alvim, Filipa, e Lorenzo Bordonaro (2008), “The greatest crime in the world’s history: uma análise arqueológica do discurso sobre tráfico de mulheres”. Lisboa: VI Congresso Português de Sociologia.
- Alvim, Filipa, e Paula Togni (2010), “Sob o véu dos direitos humanos: tráfegos, tráficos e políticas públicas para a imigração. Um estudo de caso sobre as mulheres brasileiras em Portugal”, em AA.VV., *Atas do 1.º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa*. Barcelona: Universitat de Barcelona, pp. 145-152.
- Aoun, Sabah (2001), *A Procura do Paraíso no Universo do Turismo*. Campinas, SP: Papyrus.
- Balibar, E., e I. Wallerstein (1988), *Raza, Nación y Clase*. Madrid: Iepala.
- Barreto, Margarita (2009), “Interfaces entre Turismo e Migração: uma abordagem epistemológica”, *Pasos, Revista de Turismo e Património Cultural*, v. 7, nº 1, p.1-11
- Bignami, Rosana (2002), *A Imagem do Brasil no Turismo*. São Paulo: Aleph.
- Bógus, Lúcia M., e Maria Silvia Bassanezi (1999), “Brasileiros na Itália: movimentos migratórios e inserção social”, *Margem*, Faculdade de Ciências Sociais/PUC-SP, EDUC/FAPESP, vol. 10, pp. 211-227.

- Botton, Alain (2010), *A Arte de Viajar*. Alfragide: Publicações Dom Quixote.
- Brah, Avtar (2006), “Diferença, diversidade, diferenciação”, *Cadernos Pagu*, 26, jan.-jun., pp. 329-376.
- Butler, Judith (2008), *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cádima, Francisco, et al. (2003), *Representações (Imagens) dos Imigrantes e das Minorias Étnicas na Imprensa*. Lisboa: ACIME / OBERCOM.
- Castelo, Cláudia (1998), *O Modo Português de Estar no Mundo: O Luso-Tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-1961)*. Porto: Edições Afrontamento.
- Conceição, Cristina (1998), “A promoção turística e (re)construção social da realidade”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 28, pp. 67-89.
- Cunha, Isabel (2005), “Mundos imaginados: as brasileiras nos media em Portugal”, *Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Cunha, Isabel, et al. (2004), *Media, Imigração e Minorias Étnicas*. Lisboa: ACIME.
- Cunha, Isabel, et al. (2006), *Media, Imigração e Minorias Étnicas II*. Lisboa: ACIME.
- Dolabella, Lira Turrer (2009), *Namoradinhas do Brasil “na Noite” Lisboaeta: Homens Portugueses e Mulheres Brasileiras no Contexto das Casas de Alterne*, dissertação de mestrado em Antropologia. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Falco, Débora (2009), “A construção social do turismo e das migrações: sobre a figura do estrangeiro, identidade nacional e representações sociais”, *Anais do VI Seminário ANPTUR*. São Paulo: ANPTUR.
- Feldman-Bianco, Bela (2001), “Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: constructions of sameness and difference”, *Identities, Global Studies in Culture and Power*, vol. 8, n.º 4, pp. 607-650.
- Fernandes, Gleiciani Maria de Oliveira (2008), *Viver Além-Mar: Estrutura e Experiência de Brasileiras Imigrantes na Região Metropolitana de Lisboa*, dissertação de mestrado em Antropologia. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Foucault, Michel (1986), *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, Michel (1993), *História da Sexualidade*, vol. 1: *A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, Michel (1996), *Genealogía del racismo*, Buenos Aires: Altamira.

- Foucault, Michel (2004), *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, Michel (2007a) *História da Sexualidade*, vol. 2: *O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, Michel (2007b) *História da Sexualidade*, vol. 3: *O Cuidado de Si*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, Michel (2008), *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola.
- Freitas, Ana Cláudia de (2009), *Percursos de Imigração de Mulheres Brasileiras para Fins de Prostituição em Portugal*, dissertação de mestrado. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Gastal, Susana (2005), *Turismo, Imagens e Imaginários*. São Paulo: Aleph.
- Giacomini, Sônia (2006), “Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação”, *Revista Estudos Feministas*, vol. 14, n.º 1, jan.-abr., pp. 85-101.
- Gilliam, Angela, e Onik’a Gilliam (1999), “Negotiating the subjectivity of mulata identity in Brazil”, *Latin American Perspectives*, vol. 26, n.º 3, pp. 60-84.
- Gomes, Mariana Selister (2008), “Dimensões simbólicas do turismo sexual”, *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 8. Florianópolis: UFSC.
- Gomes, Mariana Selister (2009a), *Marketing Turístico e Violência contra as Mulheres: (Des)(Re)Construções do Brasil como um Paraíso de Mulatas*, dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 130 p.
- Gomes, Mariana Selister (2009b), “A construção do Brasil como paraíso de mulatas: do imaginário colonial ao marketing turístico”, *Memorias del XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología*. Buenos Aires: UBA.
- Gomes, Mariana Selister (2010), “Fado(s) em Portugal e samba(s) no Brasil: identidades, patrimônios, turismos”, *VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul – SeminTur*. Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias do Sul.
- Gonçalves, Margareth (2005), “Artifício e excesso: narrativa de viagem e a visão sobre as mulheres em Portugal e Brasil”, *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 13, n.º 3, pp. 613-627.
- González, Lelia (1988), “Por um feminismo afro-latino-americano”, *Revista Isis Internacional*, vol. IX, disponível em: <http://herstoriapreta.blogspot.com/2009/06/por-um-feminismo-afro-latino-americano.html>
- Guimarães, Antônio Sérgio Alfredo (2003), “Como trabalhar com ‘raça’ em sociologia?”

- Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 29, n.º 1. p. 93-107.
- Hall, M., e A. Williams (2000), “Tourism and migration: new relationships between production and consumption”, *Tourism Geographies*, vol. 2, n.º 1, pp. 5-27.
- Lages, Mário F. (coord.) (2006), *Os Imigrantes e a População Portuguesa: Imagens Recíprocas. Análise de Duas Sondagens*. Lisboa: Observatório da Imigração / ACIME.
- Lages, Mário, e Vera Policarpo (2003), *Atitudes e Valores Perante a Imigração*. Lisboa: Observatório da Imigração/ACIME.
- Lugones, Maria (2008), “Colonialidad y género”, *Tabula Rasa*, Bogotá, Colômbia, n.º 9, jul.-dez., pp. 73-101.
- Machado, Fernando Luís (1992), “Etnicidade em Portugal: contrastes e politização”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 12, pp. 123-136.
- Machado, Fernando Luís, e Joana Azevedo (2009), “A investigação sobre imigração e etnicidade em Portugal: tendências, vazios e propostas”, *Revista Migrações*, n.º 4, pp. 7-31.
- Machado, Igor (1999), “A invenção do Brasil exótico entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal”, apresentação no GT Migrações Internacionais, XXIII Anpocs, Caxambu, Brasil, 19 a 23 de Outubro.
- Machado, Igor (2003), *Cárcere Público: Processos de Exotização entre Imigrantes Brasileiros no Porto, Portugal*, dissertação de doutorado em Antropologia. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Machado, Igor (2007), “Reflexões sobre as identidades brasileiras em Portugal”, em Jorge Malheiros (coord.), *A Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, pp. 171-189.
- Machado, Igor (2009), *Cárcere Público: Processos de Exotização entre Imigrantes Brasileiros no Porto*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Malheiros, Jorge (coord.) (2007), *A Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI.
- Margolis, Maxine L. (1993), *Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Nova Iorque: Princeton University Press.
- McDonnell, J., e C. Lourenço (2009), “You’re Brazilian, right? What kind of Brazilian are you? The racialization of Brazilian immigrant women”, *Ethnic and Racial Studies*, vol. 32, n.º 2, pp. 239-256.
- Munanga, Kabengele (2003), “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia”, *Seminário Nacional de Relações Raciais*, n.º 3, Rio de Janeiro.
- Padilla, Beatriz (2001), *Women’s Organizing in a Global Context: Activism in Salvador*,

- Brazil, at the Crossroad of Race, Class and Gender*, dissertação de doutorado. Urbana, IL: University of Illinois at Urbana-Champaign.
- Padilla, Beatriz (2004), “Integration of Brazilian immigrants in Portuguese society: problems and possibilities”, apresentado na 9th Metropolis Conference *Co-operative Migration Management: International, National and Local Answers*, Genebra.
- Padilla, Beatriz (2007a), “A imigrante brasileira em Portugal: considerando o género na análise”, em Jorge Malheiros (coord.), *A Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, pp. 113-134.
- Padilla, Beatriz (2007b), “Estado del arte de las investigaciones sobre los brasileños y brasileñas en Portugal”, em Isabel Castillo e Gioconda Herrera (orgs.), *Nuevas Migraciones Latinoamericanas a Europa: Balances y Desafíos*. Quito, Equador: FLASCO, OBREAL, UCL, UB, pp. 69-94.
- Padilla, Beatriz (2008a), “Brasileras en Portugal: de la transformación de las diversas identidades a la exotización”. *Amérique Latine Histoire et Mémoire, Les Cahiers ALHIM*, 14, disponível em: <http://alhim.revues.org/index2022.html>
- Padilla, Beatriz (2008b) “O empreendedorismo na perspectiva de género: uma primeira aproximação ao caso das brasileiras em Portugal”, *Revista Migrações*, Lisboa, ACIDI, n.º 3, pp. 191-215.
- Padilla, Beatriz (2009), “Desigualdades, alteridad y migración: brasileiras en Portugal”, *Congreso de la Asociación de Estudios Latinoamericanos*, Rio de Janeiro.
- Padilla, Beatriz (2010), “Género e migrações: o que sugere o estudo das imigrantes brasileiras em Portugal”, em AA.VV., *1.º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa*. Barcelona: Universitat de Barcelona, p. 23.
- Padilla, Beatriz, e Maria Xavier (orgs.) (2009), *Migrações entre Portugal e América Latina*, *Revista Migrações*, n.º 5, número temático, Lisboa, ACIDI, 290 p.
- Pateman, Carole (1993), *O Contrato Sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Peixoto, João (2002), “Strong market, weak state: the case of recent foreign immigration to Portugal”, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 28, n.º 3, pp. 483-497.
- Peixoto, João (2007), “Contrabando e imigração irregular: os novos contornos da imigração brasileira em Portugal”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 53, pp. 71-90.
- Peixoto, João, et al. (2005) *O tráfico de Migrantes em Portugal: Perspectivas Sociológicas, Jurídicas e Políticas*. Lisboa: ACIME.
- Peixoto, J., B. Padilla, J. Marques, e P. Góis (2010), *Vagas Atlânticas: A Imigração Brasileira em Portugal*, projeto de investigação, relatório estatístico, resultados preliminares.

Lisboa: CIES-IUL.

- Piscitelli, Adriana (2005), “Gênero e racialização no contexto de relações transnacionais: comentários a partir de uma leitura das relações presentes no turismo sexual em Fortaleza (Brasil)”, disponível em:
<http://www.lpp-uerj.net/olped/documentos/ppcor/0274.pdf>
- Piscitelli, Adriana (2007a) “Corporalidade em confronto: brasileiras na indústria do sexo na Espanha”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 22 , n.º 64, pp. 17-32.
- Piscitelli, Adriana (2007b), “Brasileiras na indústria transnacional do sexo”, *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*, disponível: <http://nuevomundo.revues.org/index3744.html>
- Piscitelli, Adriana (2007c), “Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do ‘turismo sexual’ internacional”, *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 15, n.º 3, pp. 717-744.
- Piscitelli, Adriana, e Marcia Vasconcelos (orgs.) (2008), *Dossiê: Gênero no Tráfico de Pessoas*. Campinas: *Cadernos Pagu*, n.º 31, jul.-dez., número temático.
- Pol-Droit, Roger (2006), *Michel Foucault: Entrevistas*. São Paulo: Edições Graal.
- Pontes, Luciana (2004), “Mulheres brasileiras na mídia portuguesa”, *Cadernos Pagu*, n.º 23, pp. 229-256.
- Pratt, Mary (1999). *Os Olhos do Império: Relatos de Viagem e Transculturação*. Bauro, SP: EDUSC.
- Rezende, Cláudia (2008), “Stereotypes and national identity: experiencing the ‘emotional Brazilian’”, *Identities*, vol. 15, n.º 1, pp. 103-122.
- Santana, Gisane (2008), “Irarana e a Carta de Caminha: focos sobre a construção da nação brasileira”, *Revista Eutomia*, ano I, n.º 1, pp. 296-311.
- Santos, Vanda (2004), *O Discurso Oficial do Estado sobre a Emigração dos Anos 60 a 80 e Emigração dos Anos 90 à Actualidade*. Lisboa: ACIME.
- Sargentelli, Oswaldo (1993), *Ziriguidum*. São Paulo: Letras & Letras.
- Scott, Joan (1986), “Gender: a useful category of historical analysis”, *The American Historical Review*, vol. 91, n.º 5, pp. 1053-1075.
- SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2009), *Relatório de Imigração Fronteira e Asilo*. Oeiras: SEF, disponível em: http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2009.pdf
- Silva, Patrícia Azevedo (2008), *Prá lá do Prejuízo: Análise das Narrativas de Identidade e Reconstrução de Subjectividades em Mulheres Brasileiras na Área Metropolitana de*

- Lisboa*, dissertação de mestrado em Antropologia. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Silva, Sandra, e Aline Schiltz (2007), “A relação entre os imigrantes brasileiros e os Portugueses: a construção de imagens recíprocas”, em Jorge Malheiros (coord.), *A Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, pp. 155-170.
- Souza, Jorge (2002), “Imagens do Brasil na imprensa portuguesa de grande circulação”, *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, vol. XXV, n.º 1, pp. 27-46.
- Stolke, Verena (2006), “O enigma das intersecções: classe, ‘raça’, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX”, *Revista Estudos Feministas*, vol. 14, n.º 1, pp. 15-42.
- Togni, Paula Christofolletti (2008), *Os Fluxos Matrimoniais Transnacionais entre Brasileiras e Portugueses: Género e Imigração*, dissertação de mestrado em Antropologia. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Vala, Jorge (org.) (1999), *Novos Racismos: Perspectivas Comparativas*, Oeiras, Celta Editora.
- Vala, Jorge, Rodrigo Brito, e Diniz Lopes (1999), *Expressões dos Racismos em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Vala, Jorge, e Marcos Lima (2003), “Diferenciação social, racionalização e etnicização de minorias: ambivalências e contradições”, em M. L. Lima, P. Castro e M. Garrido (orgs.), *Temas e Debates em Psicologia Social*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Vasconcelos, Vânia (2005), “Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental”, *Revista Ártemis*, n.º 3, disponível em:
www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero3/numero3.html
- Wieviorka, Michel (2002), *O Racismo: Uma Introdução*. Lisboa: Fenda.